

EDUCAÇÃO POPULAR NO CONTEXTO DO PAIETS: UMA INTERLOCUÇÃO ENTRE OS SABERES

FIGUEIREDO, Tiago Dziekaniak¹

1 Universidade Federal do Rio Grande - FURG (tiagodziekaniak@hotmail.com)

LEIRIA, Rossana Daniela Cordeiro²

2 Universidade Federal do Rio Grande - FURG (rossanaleiria@yahoo.com.br)

LUZ, Vanessa Silva da³

3 Universidade Federal do Rio Grande - FURG (vanessa.furg@hotmail.com)

PEREIRA, Vilmar Alves⁴

4 Universidade Federal do Rio Grande - FURG(vilmar1972@gmail.com)

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho surgiu de nossas práticas docentes realizadas no contexto da Escola Estadual Brigadeiro José da Silva Paes, situada em Rio Grande- RS, a qual em 2008 passou a ter como parte de sua estrutura educacional o Grupo de Apoio Educacional Maxximus. O grupo surgiu após o contato do Diretor da escola, com a Universidade Federal do Rio Grande - FURG. Com o apoio da desta, foi possível agregar educadores ainda no processo de formação inicial para atender a comunidade carente do Bairro Lar Gaúcho e arredor. Apesar de a escola estar situada em área socialmente privilegiada, a mesma agrega o ensino acelerado à noite, com a modalidade de educação de jovens e adultos EJA, sendo ainda maior a defasagem encontrada pelos educadores o que justifica a preocupação da direção da escola. Em 2009 o Grupo Maxximus passa a integrar o Programa de Auxílio ao Ingresso nos Ensinos Técnico e Superior – PAIETS, o qual desde 2007 agregava outros nove cursos populares em diferentes bairros da cidade. Os cursos que integram o PAIETS são fruto da iniciativa de estudantes da FURG e educadores populares que a partir de uma perspectiva solidária e democrática promovem a união dos diferentes cursos em um único programa, buscando acompanhamento da Universidade.

É importante ressaltar que o PAIETS visa auxiliar o estudante, de baixa renda a ter acesso a uma educação pública e de qualidade permitindo que o trabalho desenvolvido contribua para a transformação da realidade destes educandos. Ao trabalhar com diferentes grupos em situação de risco social e perceber a problemática da exclusão como fato concreto, acreditamos que a *educação dialógica* seja um caminho para a reflexão e o reconhecimento da realidade que circunda os nossos educandos os quais estão inseridos nesse contexto em que são vítimas da desigualdade social.

2 METODOLOGIA (MATERIAL E MÉTODOS)

Nessa conjuntura de um sistema educativo de herança contuedista focado apenas na revisão do conteúdo de três anos do Ensino Médio, normalmente em um único ano letivo é comum recebermos em nossos grupos de ensino, educandos com alto nível de defasagem. Isso fez com que o curso preparatório tenha a responsabilidade de ensinar conteúdos muitas vezes não estudados

pelos educandos durante o Ensino Básico. Ao ministrar as aulas de Matemática para os possíveis egressos da FURG, temos consciência da necessidade de ir além dos conteúdos propostos sendo necessário reformular nossas estratégias metodológicas com base na educação dialógica e no trabalho interdisciplinar por decorrência do novo formato do ENEM. Nessa nova perspectiva há uma exigência maior do que a simples aplicação de conhecimentos científicos, mas sim convida para uma conversa entre o científico e o conhecimento próprio de cada sujeito. De acordo com Piaget (1973) o sujeito é constituído como algo essencialmente coletivo, sendo a vida social dos sujeitos um fator essencial para a formação e o crescimento do conhecimento de cada ser, assim como afirma Schlemmer (2001), o conhecimento é entendido como uma relação de interdependência entre o sujeito e seu meio. Tem um sentido de organização, estruturação e explicação a partir do experienciado. É construído a partir da ação do sujeito sobre o objeto de conhecimento, interagindo com ele, sendo as trocas sociais condições necessárias para o desenvolvimento do pensamento.

Frente a esta problemática surge à necessidade ainda de transpormos o ensino das disciplinas. É preciso nesse momento assumir o papel de “educador” e através da “pedagogia dialógica” buscamos ascender nosso papel de mero transmissor de conteúdos e assumir nosso papel como possíveis transformadores da realidade, assim como afirma Lévy (1999) a principal função do professor não pode mais ser uma difusão dos conhecimentos, que agora é feita de forma mais eficaz por outros meios. Sua competência deve deslocar-se no sentido de incentivar a aprendizagem e o pensamento.

O contexto dos cursos preparatórios populares permite o uso de uma linguagem menos técnica e formal visto que visa sintetizar os conteúdos propostos. Desta forma, precisamos selecionar os conceitos de maneira que atenda as reais necessidades dos educandos que precisam revisar tais conteúdos.

Analisando as dificuldades encontradas evidenciadas no alto nível de defasagem encontrado nas turmas, acreditamos que é necessário promover uma nova adaptação da educação de forma que o ensino matemático se faça de forma menos sistemática e mais agradável para cada sujeito. Para isto, torna-se indispensável considerarmos a realidade de nosso educando buscando inicialmente conhecer o contexto social em que estão inseridos, através de indagações durante as aulas para que assim possamos fazer o *link* entre o ensinar matemático e a realidade de nossos estudantes, o que se aproxima do trabalho com a situação de projetos de aprendizagem no qual o aluno é quem define o rumo que iremos seguir na busca por sanar suas inquietações.

A situação de projeto de aprendizagem pode favorecer especialmente a aprendizagem de cooperação, com trocas recíprocas e respeito mútuo. Isto quer dizer que a prioridade não é o conteúdo em si, formal e descontextualizado. A proposta é aprender conteúdos, por meio que desenvolvam a própria capacidade de continuar aprendendo, num processo construtivo e simultâneo de questionar-se, encontrar certezas e reconstruí-las em novas certezas. Isto quer dizer: formular problemas, encontrar soluções que suportem a formulação de novos e mais complexos. (FAGUNDES, SATO E LAURINO. 2001,p. 21).

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Em nossas discussões em sala de aula sobre diferentes assuntos como: política, desigualdade social, preconceito, ensino público, prevenção e etc., buscamos conhecer a visão do nosso educando sobre estes assuntos, sanando dúvidas e a troca de experiência se faz naturalmente. Desta forma, é possível convidar o estudante a praticar a leitura crítica da realidade, e se perceber no contexto do educador Paulo Freire, como oprimido. É neste momento que temos de ser determinados para que a reflexão frente à realidade o faça querer ser autor de sua história e não assuma o papel de vítima da desigualdade que o circunda. Não assumimos aqui a pretensão de libertar nosso aluno da opressão e sim o de convidá-lo a ser agente de sua própria história, pois segundo Freire (1987, p.130), *“ninguém liberta ninguém, ninguém se liberta sozinho: os homens se libertam em comunhão”*.

Ao perceber-se como oprimido muitas vezes o educando tem medo de libertar-se dessa condição, pois sabe que terá que se colocar como autor de sua trajetória, assumindo responsabilidades. Tendo consciência ao se libertar que pode ser um “legítimo outro” em sua condição social, passa a ser agente transformador de sua condição de alienação social, sendo atuante em seu processo de libertação.

Todas as manifestações da alienação e outras mais, (...) explicam a inibição da criatividade no período da alienação. Esta, geralmente, produz uma timidez, uma insegurança, um medo de correr o risco da aventura de criar, sem o qual não há criação. (...) a alienação estimula o formalismo, que funciona como uma espécie de cinto de segurança. FREIRE (2003 p. 25).

Neste processo, inicialmente é preciso desenvolver um estado de harmonia entre educador e educando, onde as trocas de experiências assumem um papel essencial em nosso processo de transgressão social. Ao desenvolver uma relação de cooperação, de respeito com nosso educando é possível parar e ouvi-lo, assim sendo, é possível perceber a leitura da realidade que nosso educando apresenta para que possamos trocar nossas visões de mundo e o ganho de experiência se faça como algo natural neste momento do diálogo,

Desta maneira, o educador já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa. Ambos, assim se tornam sujeitos do processo em que crescem juntos e em que os “argumentos de autoridade” já não valem. Em que, para ser-se, funcionalmente, autoridade, se necessita de estar sendo com as liberdades e não contra elas. FREIRE (1987 p.68).

Neste momento de troca de experiências no ato de educar, nos transformamos constantemente enquanto educadores e assim como nossos educandos nos reconstruímos a cada novo encontro. Baseado no que MATURANA (1993) afirma nos permitimos ser legítimos enquanto encontramos no outro a nós mesmos, pois acreditamos que “sem aceitação e respeito pelo outro como legítimo outro na convivência não há fenômeno social”.

É preciso analisar os prós e contras do que se discute e a partir dessa perceber o que se pode fazer para mudar, transformar essa realidade, por exemplo, se percebemos que nossos educandos, em sua maioria receberam um ensino de baixa qualidade, e juntos temos consciência desse fato, mostramos através de reflexões conjuntas que identificar o problema é o primeiro passo para transformar a problemática. Se de fato nosso aluno teve um ensino defasado e reconhece, através de nossas trocas de experiências convidamos nosso aluno a ser agente transformador dessa realidade. É preciso que esse aluno busque com autonomia as informações que não foram transmitidas, é necessário que o aluno tenha consciência do seu papel e de se assumir como o agente de sua própria realidade, seja qual for sua dificuldade, ele precisa ter autonomia.

4 CONCLUSÕES

A partir destas ideias e de nossas vivências, acreditamos na importância de apresentar nosso olhar e partilhar nossas experiências, por termos a educação dialógica como um desafio que se faz constante como prática sociocultural em aula.

Compreender as dificuldades de aprendizagem durante o processo de ensino e construir possibilidades de superações são realidades que se fazem constantes com troca de experiências, informações, crítica a ações e situações, aprender e se instrumentar são maneiras de assumirmos nossa constante busca pela autonomia do processo de ensino e aprendizagem. Acreditamos que o trabalho desenvolvido nos diferentes grupos do PAIETS nos ajuda a entender melhor a situação de vulnerabilidade socioeconômica de nossos educandos assim como nos faz assumirmos como sujeitos sensíveis, humanizados, conscientes e responsáveis pelas possíveis mudanças decorrentes do trabalho e nesse momento o ganho em vivência se faz mutuamente.

5 REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. Secretária de Educação Média e tecnológica. **Parâmetros Curriculares Nacional: Ensino Médio**. Brasília: Ministério da Educação, 2002a.

FAGUNDES, L.; SATO, L.; LAURINO, D. P. *Aprendizes do futuro: as inovações começaram*. Brasília: PROINFO/SEED/MEC, 2001.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 27ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. **Educação e Mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.

LÉVY, P. **Cibercultura**. Rio de Janeiro: Editora 34. 1999.

MATURANA, Humberto. Uma nova concepção de aprendizagem. In: **Dois Pontos**, v. 2, n. 15, 1993.

PIAGET, J. **Estudos sociológicos**. Rio de Janeiro: Forense. 1973.

SCHLEMMER, E. **Projetos de Aprendizagem Baseados em Problemas: uma metodologia Interacionista/construtivista para formação de comunidades em Ambientes Virtuais de Aprendizagem**. Revista Digital da CVA, Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS, v.1, n.1, 2001. Disponível em:

<http://www.ricesu.com.br/colabora/n2/artigos/n_2/id02.pdf> , Acesso em 13/08/2009.